



REBES

REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E SAÚDE

<http://www.gvaa.com.br/revista/index.php/REBES>

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

As relações interpessoais na adolescência numa visão psicopedagógica *Interpersonal relationships in adolescence in a psychoeducational view*

Maria do Socorro Moraes Nascimento Salustiano

Professora da rede municipal, licenciada em Matemática e especialista em Psicopedagogia pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP) E-mail: msjunco.moraes@gmail.com

José Ozildo dos Santos

Docente, mestre em Sistemas Agroindustriais pela UFCG, especialista em Direito Administrativo (FIP); Gestão Pública (UEPB) e Educação Ambiental e Geografia do Semiárido (IFRN) e, pós-graduando em Educação para os Direitos Humanos e em Metodologia do Ensino na Educação Superior E-mail: joseozildo2014@outlook.com

Resumo: A Psicopedagogia surgiu no século XIX, mais precisamente na França, como sendo o fruto de um movimento de colaboração entre educadores, filósofos e médicos em busca de soluções para os problemas de aprendizagem. Atualmente a psicopedagogia tem sido uma das áreas de conhecimento que tem gerado grande interesse nos profissionais ligados à educação. A Psicopedagogia é uma área de conhecimento e de atuação profissional voltada para a temática do sujeito que aprende. Para que a aprendizagem aconteça é necessário a compreensão de que no ambiente escolar ou fora dele diversos fatores influenciam o processo de aprendizagem, tais como: os fatores físico, emocional, psicológico, pedagógico, social, cultural, etc. De modo geral, o psicopedagogo atua no processo de aprendizagem, observando e detectando possíveis perturbações nesse processo. Como a adolescência é uma fase complexa e dinâmica do ponto de vista físico e emocional na vida do ser humano. E que nesse período ocorrem muitas transformações no corpo, que interferem diretamente na evolução da personalidade e na atuação pessoal em sociedade, o desenvolvimento das relações interpessoais nessa fase são mais complexas. Fundamentado em diversos teóricos, o presente artigo tem por objetivo geral mostrar a importância das relações interpessoais na adolescência numa visão psicopedagógica. Através da presente pesquisa foi possível perceber a necessidade de cada vez mais inserir o psicopedagogo no ambiente escolar, já que ele atua de forma preventiva, capaz estimular as relações interpessoais entre os indivíduos, de analisar e assinalar os fatores que favorecem, intervêm ou prejudicam uma aprendizagem significativa.

Palavras-chave: Psicopedagogia. Adolescência. Relações interpessoais.

Abstract: The Psychology emerged in the nineteenth century, more precisely in France, as the result of a collaborative movement among educators, philosophers and doctors in search of solutions to learning problems. Currently the educational psychology has been one of the areas of knowledge that has generated great interest in educational personnel. The Psychology is an area of knowledge and professional experience focused on the matter of the subject learning. For learning to happen it is necessary to understand that the school environment or out of many factors influence the learning process, such as: physical factors, emotional, psychological, educational, social, cultural, etc. In general, the educational psychologist acts in the process of learning, observing and detecting possible disturbances in the process. As adolescence is a complex and dynamic phase of physical and emotional point of view on human life. And in this period many changes occur in the body, which directly interferes with the development of personality and personal role in society, development of interpersonal relationships in this phase are more complex. Based on various theoretical, this article has the objective to show the importance of interpersonal relationships in adolescence in a pedagogical vision. Through this research we saw the need for increasingly enter the educational psychologist in the school environment, since it acts preventively, can stimulate interpersonal relationships between individuals, to analyze and point out the factors that favor, intervene or undermine the meaningful learning.

Keywords: Educational Psychology. Adolescence. Interpersonal relationships.

Recebido em 16/07/2015

Aprovado em: 03/08/2015

INTRODUÇÃO

Vive-se sempre atentos às nossas responsabilidades, como se a vida girasse em torno de um grande tratado, gerando comportamentos individualizados e interesses isolados. Esse comportamento individualizado está ligado à forma como vivemos as relações interpessoais. Pois o ser humano se traduz no cotidiano. Na vida, na família, na escola, no trabalho ou lazer, seja qual for a atividade a ser desenvolvida, as ações isoladas dificultam o alcance dos objetivos.

A adolescência é a etapa da vida que ocorre entre a infância e a fase adulta, marcada por complexo processo de crescimento e desenvolvimento. Devido às transformações orgânicas que ocorrem nesse período, bem como as indefinições socioculturais que afetam os jovens, torna-se necessário refletir sobre como se processam as relações interpessoais entre os adolescentes para entender suas reações nesta fase da vida.

Portanto, como o indivíduo não conhece a si próprio e nem tão pouco o outro, ele tem dificuldade de comunicar-se. E como a escola é uma grande experiência de socialização, para que o ato comunicativo seja eficaz é preciso que ocorra na atividade didática uma relação interativa, uma união entre as partes.

Acredita-se que para a aprendizagem por compreensão é extremamente importante o envolvimento do trabalho psicopedagógico. Cujas atividades profissionais são complexas que exigem preparo, compromisso e responsabilidade, ajuda os aprendizes/ensinantes a progredirem e alcançarem seus objetivos.

Entretanto, não basta refletir ou conscientizar os adolescentes da necessidade de interagir com as outras pessoas para construir um mundo melhor. O intuito é conduzir o jovem na perspectiva de inovar a atuação do mesmo na sociedade.

Fundamentado em vários teóricos, o presente trabalho, teve por objetivo mostrar a importância das relações interpessoais na adolescência numa visão psicopedagógica.

As relações interpessoais: Conceito

O ser humano tem dificuldades em se relacionar com os demais, devidos os conflitos sociais, culturais, intelectuais e, sobretudo, pessoais, todavia, tenta adequar-se aos seus diversos costumes, hábitos e histórias invadindo seu universo.

A falta de limites de acordo com Zagury (2003) tende a desenvolver um quadro de dificuldades que vai se instalando passo a passo: dificuldade crescente de aceitação de limite, distúrbio de conduta, desrespeito aos pais, colegas e autoridades, agressões físicas se contrariado, etc. A consciência dos limites do outro e de nossos próprios limites, é o elemento fundamental nas relações interpessoais.

Evidencia-se que nas relações humanas, as situações de inserção, integração e inclusão social trazem efeitos diferentes a cada indivíduo que as vivencia. As relações e interações íntimas afetam o bem estar, a capacidade de adaptação às reais necessidades e pressões

que aparecem e se alteram em cada estágio do crescimento e desenvolvimento dos indivíduos. Tais relações tenderão a afetar de modo positivo os indivíduos indo ao encontro das suas expectativas, auxiliando na resolução dos seus problemas e possibilitando o preenchimento das suas necessidades.

Segundo Codo (2005), compreender um ser humano implica em partir do pressuposto de que cada gesto e cada palavra estão imediatamente inseridos num contexto muito maior que transcende a ele e a sua existência. Logo, conhecer o outro é tão complicado quanto conhecer a si próprio, e neste jogo da vida, as relações interpessoais possibilitam conhecer seus verdadeiros hábitos e costumes, onde sua cultura interage com as demais e unidas despertam afinidades. Sendo assim, o homem é descoberto a partir do que ele faz e do que ele diz da sua participação na construção de uma sociedade melhor.

O foco das relações interpessoais são os seres humanos e sua atuação na sociedade. Deve-se entender o conceito de tal expressão. Relação interpessoal é o conjunto de métodos que facilitam a compreensão e as linguagens, estabelece laços sólidos nas relações humanas.

Cabe destacar a dimensão das relações interpessoais para com os indivíduos, isto é, cada pessoa. Portanto é um universo revestido de individualismo. Tal comportamento gera dificuldade na comunicação, na compreensão e na convivência em grupo, uma vez que sem olharmos ou ouvirmos os que nos cercam, se torna difícil pensarmos em uma sociedade mais justa, com valores mais construtivos.

Antunes (2011) ressalta que é de tal forma significativa a importância da comunicação em todos os esquemas das relações interpessoais “falar e dizer”, “a palavra, a verdade e a mentira” e “nem só a palavra comunica”, são exemplos simplórios deste contexto. Desta forma, dissolvem as consequências das relações interpessoais, ajudando o indivíduo a conhecer o seu papel diante do processo de criação e recriação.

A individualidade persiste no contexto social e características como “frieza no que faz e no que diz” marcam as pessoas. Considerando que cada sentimento é particular e que não pode ser vivido por outra pessoa em seu lugar, pode-se perceber que cada pessoa de fato é ímpar. E daí surge a necessidade de interação entre as pessoas de modo a proporcionar uma desenvoltura cabível na dimensão respeitável dos seres humanos.

Em relação aos aspectos das relações interpessoais, os indivíduos sentem a necessidade de se reconhecerem e de se comunicarem, e precisam invadir o espaço do outro para compreender seus passos, ideias, ideologias e verdades. A compreensão sobre as relações interpessoais é de extrema importância, uma vez que, desperta para a necessidade de conhecer, buscar e integrar o indivíduo dentro do contexto social e possibilita a descoberta do relacionamento para a formação da personalidade de cada um.

Explica Antunes (2010), por meio da disciplina o indivíduo comunica-se consigo mesmo e com o mundo, aceita a existência dos outros, estabelece relações sociais, constrói conhecimentos, desenvolve-se integralmente. A

sala de aula é e sempre foi um espaço que expressa continuidade da vida, reflexo do entorno. Se assim não for, não será sala de aula verdadeira, não permitirá que o aluno contextualize em sua existência os saberes que ali aprende.

Nesse contexto, a personalidade vai se desenvolvendo ao longo do processo de socialização, à medida que o indivíduo aprende as atitudes e habilidades que vai precisar para existir na sociedade. As relações interpessoais influenciam sua personalidade que será semelhante à dos outros, mas as suas opiniões e os seus modelos de conduta são diferentes.

O desenvolvimento da psicopedagogia no Brasil

O nascimento da Psicopedagogia segundo Bossa (2007) ocorreu na Europa, especificamente na França, em meados do século XIX, baseada na preocupação com os problemas de aprendizagem na área médica.

Com o objetivo de desenvolver um trabalho voltado para as crianças com dificuldades de aprendizagem, surge na França no ano de 1946, os primeiros Centros Psicopedagógicos.

Destaca Bossa (2007, p. 39) que:

A literatura francesa influencia as ideias sobre psicopedagogia na Argentina, a qual por sua vez, influencia a práxis brasileiras. A psicopedagogia francesa apresenta algumas considerações sobre o termo *psicopedagogia* e sobre a origem dessas ideias na Europa, e os trabalhos de George Mauco, fundador do primeiro centro médico psicopedagógico da França, em que se percebem as primeiras tentativas de articulação entre medicina, psicologia, psicanálise e pedagogia, na solução dos problemas de comportamento e de aprendizagem.

Desta forma, percebe-se que a Psicopedagogia teve uma trajetória bastante significativa e inicialmente um caráter médico-pedagógico, tendo em vista que na equipe de trabalho que atuava no diagnóstico e no tratamento dos casos tinha médicos, psicólogos, pedagogos, psicanalistas, entre outros.

Esperava-se com esta união de profissionais, conhecer a criança e o seu meio, para que fosse possível compreender o caso para determinar uma ação reeducadora. Diferenciar os que não aprendiam, apesar de serem inteligentes, daqueles que apresentavam alguma deficiência mental, física ou sensorial era uma das preocupações da época.

A finalidade da Psicopedagogia brasileira foi a de atuar nos problemas referentes às disfunções neurológicas, o que na época foi denominado de “Disfunção Cerebral Mínima” (DCM).

Segundo Bossa (2000, p. 43):

O rótulo DCM foi apenas um dentre os vários diagnósticos empregados para camuflar problemas

sociopedagógicos traduzidos ideologicamente em termos de psicologia individual. Termos como *dislexia*, *disritmia* e outros também foram usados para esse fim.

Nessa perspectiva, se por um lado o conceito de DCM permitiu um maior processo de aceitação dos problemas de aprendizagem da criança e do adolescente por parte dos seus pais e professores, por outro, contribuiu para desmotivar alguns professores e pais a investirem na aprendizagem desses sujeitos.

Surgem então no Brasil a partir de 1970, os primeiros cursos de Psicopedagogia, com a finalidade de complementar a formação do psicólogo e do educador. Inicialmente, essa formação se dava na Clínica Médico-Pedagógica de Porto Alegre. Logo depois, foram criados cursos de mestrado com área de concentração em Aconselhamento Psicopedagógico (Bossa, 2007).

Porém, após quase vinte anos da prática psicopedagógica no Brasil, surgiu o primeiro curso de especialização em Psicopedagogia do país. Denominado de Curso de Reeducação Psicopedagógica, foi criado no Instituto Sedes Sapientiae (SP), mostrando como a área de psicopedagogia é relativamente nova no Brasil.

Ressalta Fagali (2007, p. 19-20) que:

A retomada das raízes dos cursos de formação em Psicopedagogia do Sedes Sapientiae se justifica-se por ter sido um curso pioneiro na realidade de São Paulo, gerador de líderes de mudança que prosperam em projetos como o da Associação de Psicopedagogia em São Paulo.

A Psicopedagogia conta com a Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp), que possibilita aos psicopedagogos brasileiros organizarem um espaço de discussão sobre o corpo teórico dos conhecimentos psicopedagógicos, baseados em publicações científicas, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Hoje, a ABPp se encontra presente em todo o país.

Destaca Fernández, (2001, p. 102):

Estamos tentando construir nossa própria teoria, nosso específico enquadramento, os rasgos diferenciadores de nossa técnica e nosso lugar como especialistas em problemas de aprendizagem.

Nesse sentido, com o passar dos anos, as especializações e os cursos de aperfeiçoamento se expandiram por todo o território brasileiro. E a formação do psicopedagogo brasileiro acabou afastando-se da sua matriz argentina. Pois enquanto nesse país a formação do psicopedagogo continuou a dar-se através de cursos de graduação em cinco anos, o Brasil perpetuou a tradição de uma formação em um ano, em nível de especialização *lato sensu* ou em cursos de aperfeiçoamento, nas modalidades presencial, semipresencial e a distância.

Hoje no Brasil só poderão exercer a profissão de psicopedagogo os portadores de certificado de conclusão em curso de especialização em psicopedagogia em nível de pós-graduação, expedido por instituições devidamente autorizadas ou credenciadas nos termos da lei vigente – Resolução 12/83, de 06/10/83 – que forma os especialistas, no caso, os então chamados “especialistas em psicopedagogia” ou “psicopedagogos”. E ao seu lado está a ABPp, zelando e defendendo a qualidade do trabalho do profissional psicopedagogo.

Psicopedagogia x escola

A educação é um processo multidimensional. Ela apresenta uma dimensão humana, uma dimensão técnica e uma dimensão político-social. Tais dimensões não podem ser vistas como partes que se justapõem, ou que são acrescentadas umas às outras sem terem entre si uma relação dinâmica e coerente. O desafio é construir uma visão articulada em que partindo de uma perspectiva de educação como prática social, inserida num contexto político-social determinado, onde as variáveis processuais não são deixadas em segundo plano.

Nas civilizações primitivas e nas de baixo nível de desenvolvimento, a transmissão cultural se faz pela simples convivência entre as gerações. Porém, quando os conhecimentos que devem ser transmitidos não são do domínio de todos e seu volume é suficientemente grande, a transmissão cultural só se torna possível, através de instituições organizadas denominadas escolas. Logo, a escola tem funções sociais específicas, o que leva a ser um espaço onde na maioria das vezes as atividades não correspondem à demanda da sociedade. Torna-se um ambiente artificial em que ser o professor seleciona os conteúdos que devem ser transmitidos e aprendidos pelo aluno sem levar em consideração as experiências e as necessidades deste. Desse modo, o aluno torna-se um espectador passivo, onde a aprendizagem tem pouco significado para ele.

De acordo com CANDAU (2011, p. 46) “a educação é vista fundamentalmente como um processo de vida pessoal, interpessoal e grupal, e o educador como facilitador deste crescimento”.

Observa-se que é necessário transformar a escola, de sistema fechado que é, em um sistema aberto em constante interação com o ambiente social a que pertence.

É importante considerar que a escola deve valorizar os muitos saberes do aluno, ensinando-o a pensar e oportunizando a ele demonstrar suas reais potencialidades na aquisição de conhecimentos importantes para sua formação pessoal, intelectual e moral. Portanto diversificar as situações de aprendizagem e adequá-las às especificidades dos alunos é uma maneira de responder às dificuldades de aprendizagem. Pois é nas relações sociais e na interação com o meio que o indivíduo se constitui e através dos conhecimentos adquiridos que ele é inserido, de forma mais organizada no mundo cultural e simbólico. A escola tem um papel muito importante na formação do sujeito depois da

família, tanto uma quanto a outra podem contribuir para a formação de algumas dificuldades de aprendizagem.

De acordo com Neves (2011, p. 12):

A psicopedagogia estuda o ato de aprender e ensinar, levando sempre em conta as realidades interna e externa da aprendizagem, tomadas em conjunto. E, mais, procurando estudar a construção do conhecimento em toda a sua complexidade, procurando colocar em pé de igualdade os aspectos cognitivos, afetivos e sociais que lhe estão implícitos.

Na instituição escolar, a Psicopedagogia tem uma função complexa que provoca algumas distorções conceituais quanto às atividades pelo psicopedagogo. Ela dedica-se a áreas relacionadas ao planejamento educacional e assessoramento pedagógico, atuando numa modalidade cujo caráter é clínico institucional. Seu campo de atuação também pode ser classificado como da modalidade preventiva.

Segundo Scoz (2011), é preciso ressaltar a psicopedagogia como complemento, que é a ciência nova que estuda o processo de aprendizagem e dificuldades, muito tem contribuído para explicar a causa das dificuldades de aprendizagem, pois tem como objetivo central de estudo, o processo humano do conhecimento: seus padrões evolutivos normais e patologias bem como a influência (família, escola, sociedade) no seu desenvolvimento.

Historicamente, a intervenção psicopedagógica ocorre no auxílio às pessoas com dificuldades de aprendizagem. Diante do baixo desempenho escolar, alunos são encaminhados pelas escolas, com o objetivo de explicar a causa de suas dificuldades. Analisar a escola na visão da psicopedagogia significa pensar em um processo que inclui questões relacionais, metodológicas e socioculturais, inserindo o ponto de vista de quem aprende e de quem ensina e, também da família e da sociedade. Porém nem sempre a Psicopedagogia foi entendida da forma como aqui está caracterizada.

Bossa, (2000, p. 42) esclarece que:

A preocupação e os profissionais que atendiam essas pessoas eram os médicos, em primeira instância e, em seguida Psicólogos e Pedagogos que pudessem diagnosticar os déficits. Os fatores orgânicos eram responsabilizados pelas dificuldades de aprendizagem na chamada época “patologizante”. A criança ficava rotulada e a escola e o sistema a que ela pertencia, se eximiam de suas responsabilidades: ‘Ela (a criança) tem problemas’.

Na aprendizagem, a primeira representação do conhecimento também pouco está diferenciada do outro, mas implica um investimento primordial do

conhecimento. Em um momento posterior, será investido o ato de conhecer e de pensar, e, a partir daí, o conhecimento, diferenciando-o do seu portador.

Nesse sentido, a didática com um olhar psicopedagógico inserida na sala de aula pode prevenir inadequações na relação do sujeito com o saber, que necessita de um vínculo entre ambos e das modalidades de aprender/ensinar de cada um. O campo de saber da psicopedagogia oferece subsídios para a postura do professor reconhecer sua modalidade de aprender. É isso que a psicopedagogia nos ensina a transformar a modalidade de ensino e recuperar o prazer de ensinar e aprender.

Na concepção de Solé (2001), a intervenção psicopedagógica não pode configurar-se da mesma maneira quando direcionada com o contexto escolar e quando oferecida a uma família; os instrumentos e as estratégias utilizadas irão variar conforme a orientação esteja direcionada a um adolescente ou a um trabalhador que, na sua maturidade, precisa redefinir sua trajetória profissional.

O estudo psicopedagógico alcança seus objetivos quando, ampliando a compreensão sobre as características e necessidades de aprendizagem de determinado aluno, abre espaço para que a escola viabilize recursos para atender às necessidades de aprendizagem. Então é preciso analisar o projeto político-pedagógico, verificar quais as suas propostas de ensino e o que é valorizado como aprendizagem. Com isso o fazer psicopedagógico se transforma em uma ferramenta poderosa na relação ensino-aprendizagem.

De acordo com Gonçalves (2005, p. 42):

As relações com o conhecimento, a vinculação com a aprendizagem, as significações contidas no ato de aprender, são estudadas pela psicopedagogia a fim de que possa contribuir para a análise e reformulação de práticas educativas e para a ressignificação de atitudes.

Nesse sentido, a aprendizagem deve ser vista como a atividade de indivíduos ou grupos humanos, que mediante a incorporação de informações e o desenvolvimento de experiências, promovem transformações estáveis na personalidade e na dinâmica grupal às quais revertem no manejo instrumental da realidade. Para que isso aconteça a psicopedagogia ajuda a instituição escolar a refletir sobre o ato de planejar.

Libâneo (2014, p. 222) afirma que:

A ação de planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo, é, antes, a atividade consciente da previsão das ações político-pedagógicas, e tendo como referência permanente às situações didáticas concretas (isto é, a problemática social, econômica, política e cultural) que envolve a escola, os professores, os alunos, os

pais, a comunidade, que integram o processo de ensino.

O papel da Psicopedagogia na ambiente escolar é envolver toda a equipe escolar, ajudando-a a ampliar o olhar em torno do aluno e das circunstâncias de produção de conhecimento. O psicopedagogo é fundamental na escola para mostrar que o ambiente da sala de aula deve promover uma aprendizagem significativa, que valoriza a relação professor-aluno e influencia o desenvolvimento do pensar. Um espaço aberto ao questionamento, ao diálogo, que encoraja o aluno a ser criativo e autônomo.

Segundo Bossa (2000), a presença de um psicopedagogo é essencial no contexto escolar, ele tem muito que fazer na escola. Sua intervenção inclui:

- Orientar os pais;
- Auxiliar os educadores e conseqüentemente a toda comunidade aprendente;
- Buscar instituições parceiras (envolvimento com toda a sociedade);
- Colaborar com todo o desenvolvimento de projetos (Oficinas pedagógicas);
- Acompanhar a implementação e implantação de nova proposta metodológica de ensino;
- Promover encontros socializadores entre corpo docente, discentes, coordenadores, corpo administrativo e de apoio e dirigentes.

Portanto a função da Psicopedagogia na formação do professor é prepará-lo para lidar com as dificuldades de aprendizagem com segurança. Para tanto é necessário a compreensão da complexidade do ato de aprender, que une dimensões tão distintas (orgânicas, cognitivas, afetivas e inconscientes, socioculturais) e que precisa se reconhecida como facilitadora de um aprendizado mais comprometido com a identidade do ser humano. Nesse sentido, o professor no seu papel de ensinante/aprendente, vai se transformando, promovendo um melhor desenvolvimento das relações interpessoais na construção do conhecimento.

A visão da psicopedagogia sobre as relações interpessoais na adolescência

A adolescência é uma fase complexa e dinâmica do ponto de vista físico e emocional na vida do ser humano. É nesta fase em que ocorrem várias mudanças no corpo, que repercutem diretamente na construção da personalidade e na atuação pessoal da sociedade. Há muitas tentativas de se definir adolescência, embora nem todas as sociedades possuam este conceito. No Brasil o Estatuto da Criança e do Adolescente define esta fase como característica dos 13 aos 18 anos de idade. Para formar o conceito de adolescência cada cultura baseia-se nas diferentes idades.

Ressalta Barbosa (2007, p. 37) que "na instituição escolar, convive-se com o ensinar e com o aprender de uma forma muito dinâmica, não sendo possível, na prática, haver uma intervenção que recaia somente sobre o aprender".

Desta forma, não se pode negar que a escola ocupa um lugar de destaque na formação e na vida das pessoas. O ambiente escolar é uma grande experiência de socialização, de convívio com as diferenças de todos os tipos e em todos os níveis. Nele as relações interpessoais se cruzam através das situações proporcionadas pelo momento instantâneo.

No período da adolescência, os amigos e a “turma” assumem um papel muito importante. É o amigo da mesma idade e com as mesmas características que formam o seu “grupo de iguais”, que ajuda o jovem enfrentar as modificações em seu corpo e em seus sentimentos. O jovem torna-se muito dependente dos valores, conceito e julgamento de seus amigos, o que leva a uniformidade de comportamentos, vestuários, vocabulário e gírias, isto é, usam a comunicação verbal e a não verbal.

Destacam Vasconcelos, Silva e Martins (2005, p. 2) que:

Na interação Professor-Aluno, a escola enquanto instituição educativa desempenha um papel fundamental, sendo palco de diversas situações que propiciam esta interação principalmente no que tange sua dimensão socializante, a qual prepara o indivíduo para a convivência em grupo e em sociedade.

Na escola, o adolescente tem a oportunidade de conviver com outros adultos, além de seus pais e de identificar outros modelos de referência, que auxiliam no processo de formação de sua identidade. Ao considerar que a adolescência é um período de mudanças peculiares nos aspectos físicos e psicológicos, que psicólogos, educadores, psicopedagogos e pesquisadores de diferentes áreas, buscam compreender o período da adolescência em uma perspectiva de melhor atendimento.

Nesse sentido, a Psicopedagogia concebida como uma área de estudo de conhecimento relativamente atual, apresenta como objeto de estudo o processo de aprendizagem e suas interfaces com os campos do conhecimento. Então sua atuação na escola contribui para detectar algumas dificuldades no processo ensino-aprendizagem.

Na concepção de Bossa (2007, p. 23):

Cabe ao psicopedagogo perceber eventuais perturbações no processo aprendizagem, participar da dinâmica da comunidade educativa; favorecendo a integração, promovendo orientações metodológicas de acordo com as características e particularidades dos indivíduos do grupo, realizando processos de orientação. Já que no caráter assistencial, o psicopedagogo participa de equipes responsáveis pela elaboração de planos e projetos no contexto teórico/prático das políticas educacionais, fazendo com que os professores, diretores e coordenadores possam repensar o papel da escola frente a sua docência e às necessidades da criança ou, do próprio ensino.

Enquanto não considerarmos efetivamente a contribuição da Psicopedagogia para compreendermos os problemas de aprendizagem de crianças e adolescentes, corre-se o risco de transformar o ensino-aprendizagem num ato mecânico, e deixar de lado a oportunidade de promover uma aprendizagem significativa, incentivando as habilidades e mostrando as potencialidades de cada indivíduo.

Sobre a conduta própria da adolescência Vigotski (2000), afirmar que:

[...] a questão central neste processo é o emprego funcional do signo ou da palavra como meio através do qual o adolescente subordina ao seu poder as suas próprias operações psicológicas, através do qual ele domina o fluxo dos próprios processos psicológicos e lhes orienta a atividade no sentido de resolver os problemas que tem pela frente.

Assim, na adolescência a atividade dominante passa a ser, além do estudo, a comunicação íntima pessoal entre os jovens. O jovem, agora, passa a ocupar uma posição diferente na sociedade: novas cobranças são feitas, ele tem que se posicionar diante dos fatos, a relação com os pais sofre modificações, ele ingressa em outra esfera de relações humanas e várias transformações acontecem em seu redor.

De acordo com Coll (2004, p. 251), a família, principalmente durante os anos escolares, deveria educar as crianças em um ambiente democrático: “[...] são os estilos democráticos, por sua judiciosa combinação de controle, afeto, comunicação e exigências de maturidade, os que propiciam melhor desenvolvimento da criança”.

Se a criança não tiver uma base sólida na família, quando adolescente suas características pessoais podem sofrer alterações radicais, direcionando-o às boas ou más atitudes. Portanto, os pais devem dar o suporte necessário para que a escola possa fazer a sua parte e cumprir seu papel de ensinar para a cidadania e para o trabalho.

Não há dúvidas de que a relação interpessoal está sempre presente na complexidade de qualquer âmbito educacional. Nesse sentido, a Psicopedagogia mostra que professor e aluno devem interagir num relacionamento sobre um ato amoroso pelo ensino como fator importante para a aprendizagem.

Assim, constata-se a importância e o valor atribuído à escola por parte dos adolescentes para a formação e melhoria de sua identidade para além da família. É na escola que ele pode escolher suas amizades, desenvolver seus interesses, identificar-se com seu grupo, criar seus projetos para o futuro e realizar seus sonhos. Então, é nesse momento que o adolescente adquire consciência da sociedade da qual pertence, percebendo os condicionamentos sociais existentes, questionando consigo próprio sobre as alternativas de mudança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, a Psicopedagogia vem se desenvolvendo muito no Brasil. A história da Psicopedagogia mostra a necessidade de um posicionamento claro quanto à prática psicopedagógica, cuja atuação tão presente na sociedade brasileira não se limita só ao espaço escolar, mas também, na parte clínica e na investigação científica.

Nos dias de hoje, a Psicopedagogia é um espaço transdisciplinar, pois se constitui a partir de uma nova compreensão acerca da complexidade dos processos de aprendizagem.

As relações estabelecidas pelos adolescentes com a família, amigos, escola, comunidade são determinantes para a formação de cada indivíduo. Enfatiza-se a inter-relação familiar, uma vez que ela é a base para os demais relacionamentos.

Através desta pesquisa foi possível perceber a importância do comprometimento profissional, da busca pela continuidade dos estudos bem como de uma compreensão crítica da Psicopedagogia para que possamos alcançar melhorias por meio da efetiva atuação psicopedagógica.

Também foi possível perceber que o trabalho psicopedagógico exige do especialista uma real percepção de si, de maneira a não se deixar levar pelos próprios valores durante a intervenção.

Ao realizar o diagnóstico, ele deve promover uma reflexão para saber qual a melhor forma de intervir para frente às dificuldades, usando recursos e estratégias variadas. E até pedir auxílio a outros profissionais, que trabalham com esses obstáculos educacionais.

O profissional da Psicopedagogia no ambiente escolar é indispensável, pois este cria vínculos com os alunos, estimula e facilita as relações interpessoais, propõe e ajuda no desenvolvimento de projetos favoráveis às mudanças educacionais, procura envolver a equipe escolar a ampliar o olhar em torno do aluno e das circunstâncias de produção de conhecimento, enfim, o psicopedagogo tem a missão de ser “suporte” ao processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Arte de comunicar**. 3 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

_____. **Relações interpessoais e autoestima**: A sala de aula como um espaço de crescimento integral. 9 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

BARBOSA, L. M. S. **A psicopedagogia no âmbito da instituição escolar**. 4 ed. Curitiba: Expoente, 2007.

BOSSA, Nádia. **Dificuldades de aprendizagem**: o que são e como tratá-las. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

_____. **A psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. 7 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

CANDAU, Vera M. **A didática em questão**. 34 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.

CODO, Wanderley. **Educação**: Carinho e trabalho. Petrópolis-RJ: Vozes, 2005.

COLL, César, PALACIOS, Jesus e MARCHESI, Álvaro. **Desenvolvimento psicológico e educação**: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004. Vol.3.

FAGALI, Eloísa Quadros. **Os sentidos da história e a busca das raízes no Processo de aprender**. Rio de Janeiro: Wak, 2007.

FERNANDEZ, Alícia. **Os idiomas do aprendente**: Análise de modalidades ensinantes em famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: AVERCAMP, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2014.

NEVES, M. A. M. Psicopedagogia: Um só termo e muitas significações. **Revista Psicopedagogia da Associação Brasileira Psicopedagogia**. São Paulo, v. 21, n. 1, p. 10 - 14, 2011.

SCOZ, Beatriz. **Psicopedagogia e realidade escolar**: o problema escolar e de aprendizagem. 13 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

ZAGURY, T. **Limite sem trauma**. 57 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SOLÉ, Isabel. **Orientação educacional e intervenção psicopedagógica**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

VASCONCELOS, Celso dos S. **Planejamento projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico**. 1. 7. ed. São Paulo: Ladermos Libertad, 2005.

VIGOSTSKI, Liev Semiônimoovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.